

**MUSEU NACIONAL: RESGATE DAS MEMÓRIAS CULTURAIS DA COLEÇÃO
“KUMBUKUMBU – ÁFRICA”¹**

Gabriela Dias dos Santos*

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa motivada pelo incêndio que ocorreu em setembro de 2018 no Museu Nacional e resultou na perda de grande parte do acervo exposto, incluindo os objetos da exposição “Kumbukumbu – África”. O objetivo principal foi traçar informações referentes aos objetos que compunham esta coleção – com foco principal no acervo da Polícia da Corte, segmento da vitrine “Africanos no Brasil” – e, assim, contribuir no resgate da memória histórica e cultural presentes nestas peças. O estudo foi baseado no método da etnografia, através de levantamento bibliográfico, reuniões com trabalhadores do Museu e leitura de artigos científicos. A principal conclusão é a de que a memória desses objetos é de suma importância para a geração atual e gerações futuras, visto que o passado por trás deles é marcado pelo racismo e etnocentrismo, comportamentos que perduram até hoje em nossa sociedade e que precisam desta e outras contribuições históricas e culturais para que não continuem se proliferando.

Palavras-chave: Museu Nacional, Antropologia Cultural, Kumbukumbu, Abebé.

ABSTRACT: This article is the result of research motivated by the fire that occurred in September 2018 at the Museu Nacional and resulted in the loss of a larger part of the exposed collection, including the objects of the exhibition “Kumbukumbu - África”. The main objective was to trace information regarding the objects that made up this collection - with a primary focus on Polícia da Corte's collection, segment of the “Africanos no Brasil” window display - and, thus, contribute to the rescue of the historical and cultural memory present in these pieces. The study was based on method of ethnography through bibliographical survey, meetings with Museum's workers and reading of scientific articles. The main conclusion was that the memory of these objects is of paramount importance for the current generation and future generations, since the past behind them is marked by racism and ethnocentrism, behaviors that persist today in our society and that need this and others historical and cultural contributions so that they do not continue to proliferate.

Key words: National Museum, Cultural Anthropology, Kumbukumbu, Abebé.

¹ O artigo foi desenvolvido a partir do projeto de iniciação científica chamado “Museu Nacional: objetos, cultura e história da exposição Kumbukumbu - África”, realizado pela estudante, nos anos 2019 e 2020, com apoio do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e orientado pela Professora Keila Carvalho.

* Estudante do 4º ano do Ensino Médio Integrado em Meteorologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). E-mail: dias.gabriela55@gmail.com.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 131-136.

Introdução

O Museu Nacional perdeu grande parte de seu acervo bicentenário após o incêndio de setembro de 2018. Especialmente para o Setor de Etnologia e Etnografia (SEE), foi uma perda muito significativa visto que se tratava de um acervo único sobre a história da África.

O acervo sobre a história da África e dos africanos no Brasil estava disponível para o público na exposição “Kumbukumbu – África”, organizada pela professora Mariza Soares a partir de objetos africanos e afro-brasileiros que chegaram ao Museu Nacional entre os séculos XIX e XX. Anterior a isso, parte desse acervo estava alocado juntamente a coleções estrangeiras e outra grande parte estava localizada na reserva técnica e/ou sem número de registro. Com auxílio do catálogo disponibilizado pelo Setor de Etnologia e Etnografia (SEE), a professora listou cerca de mil objetos, mas, na verdade, só conseguiu identificar e teve acesso a mais ou menos duzentos deles (SOARES, 2016).

Kumbukumbu é uma palavra do idioma Swahili – um dos mais falados no continente africano – e quer dizer “memória” e “patrimônio”. De acordo com o livro “Conhecendo a exposição Kumbukumbu do Museu Nacional”, a exposição estava disposta em seis vitrines laterais e três centrais, organizadas de acordo com o modo de aquisição, relação do objeto com o povo pertencente e o lugar de onde vieram (SOARES; AGOSTINHO; LIMA, 2016).

Mais especificamente, a vitrine “Africanos no Brasil” era dividida em três segmentos. O primeiro tratava-se de objetos que pertenciam às casas de “dar fortuna” e que foram apreendidos pela Polícia da Corte. O segundo segmento contemplava objetos do Candomblé Nagô que foram agrupados e trazidos da Bahia até o Museu pela também diretora e antropóloga Heloísa Alberto Torres. O terceiro e último segmento dessa vitrine era composto por trabalhos desenvolvidos no próprio Museu tratando da presença africana no Brasil.

1. Vitrine “Africanos No Brasil” – A Coleção Polícia da Corte

Em meados do século XIX, a Polícia da Corte apreendeu diversos objetos nas chamadas “Zungus” ou “Casas de dar Fortuna”, locais onde eram realizados cultos de religiões de matriz africana e que simbolizavam a identidade cultural, a resistência e a fé dos diversos povos trazidos ao Brasil durante a diáspora.

O objetivo da polícia ao pegar estes objetos era evidenciar a prática dos rituais religiosos de matriz africana, que na época não eram permitidos. O Código Criminal do Império dizia que não era proibida a manifestação religiosa desde que não ofendesse a religião oficial do Estado e respeitasse a moral pública. O Código também determinava que não se deveria perseguir nem prender pessoas por motivo religioso. Porém, havia uma cláusula, no mesmo documento, que dizia ser proibida manifestações religiosas não católicas se fossem feitas em casas ou qualquer outro lugar que fizesse alusão a algum tipo de templo ou feitas de forma pública.

Ou seja, essas populações eram obrigadas a cultivar sua fé às escondidas, visto que, se fosse publicamente, seriam perseguidas e presas. Eram frequentes as entradas violentas da polícia nessas casas e isso era reportado nos jornais da época, como, por exemplo, na *Gazeta de Notícias* de 28 de novembro de 1877, que assim dizia:

Foram apreendidos diversos objetos de prata, ouro, vasos, louça, manipansos, e alguns instrumentos de tortura, etc.; todos esses objetos que foram levados para a polícia, quase encheram uma carroça. O dono do estabelecimento, cinco pretas minas que ali se achavam e um crioulo que resistiu e tentou ferir os agentes da autoridade, foram presos (*apud* ALMEIDA, 2017, p.5)

O Abebé, juntamente a outras peças da mesma coleção, chegou ao Museu Nacional através do então diretor Landislau de Souza Mello Netto, que trocou cartas com a Polícia da Corte entre 1880 e 1887. Nessas cartas, Landislau solicitou que esses objetos fossem encaminhados ao Museu para que contribuíssem com pesquisas científicas sobre a cultura dos povos de origem africana. O pedido foi em parte atendido. Durante esse período, não houve doação que superasse essa em relação ao número de objetos.

2. O Abebé

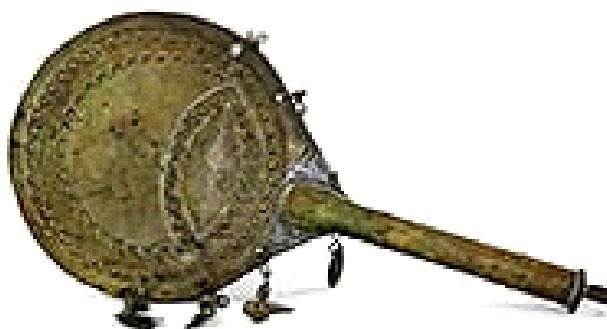
Dentre esses objetos doados ao Museu Nacional que faziam parte da Coleção Polícia da Corte estava o Abebé. Junto a outros objetos resgatados do incêndio, o Abebé fez parte de uma exposição temporária chamada “Museu Nacional Vive – Arqueologia do Resgate”, ocorrida no ano de 2019 no Centro Cultural do Banco do Brasil. A visita à esta exposição foi um dos meus primeiros contatos com a exposição “Kumbukumbu-África” e com outras do Setor de Etnologia e Etnografia - como, por exemplo, as exposições “Brasil Indígena” e “Os Karajás”.

Figura 1 – Partes resgatadas do Abebé expostas no CCBB



Fonte: Acervo pessoal, abril de 2019

Figura 2 – Abebé antes do incêndio. Vitrine Africanos no Brasil, exposição “Kumbukumbu – África” do Museu Nacional



Fonte: Museu Nacional, 2019

O Abebé era e ainda é utilizado em cultos religiosos de matriz africana: em rituais de Oxum, quando a matéria-prima empregada é o latão na cor dourada, e em rituais de Iemanjá, quando feito de metal prateado ou pintado na cor branca. O Abebé é característico do poder das mãos ancestrais e, por este motivo, normalmente apresenta um formato arredondado de modo que busca se assemelhar ao ventre feminino e, assim, evidenciar seu poder gerador. O Abebé também representa a beleza e a vaidade desses Orixás, e por isso, Oxum, além de utilizá-lo como arma para cegar seus adversários, também o usava como espelho para se ver refletido.

No que diz respeito aos sentidos, usos e significados do Abebé (assim como de outros objetos expostos na vitrine “Africanos no Brasil”), cabe destacar que as religiões afro-
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 131-136.

brasileiras receberam influências culturais tanto do continente africano como do convívio com os povos de matriz europeia no Brasil. Segundo Almeida (2017), a crença na materialidade provém de forma majoritária das regiões Central e Ocidental da África carregando consigo a fé de que a partir da manipulação de objetos deste plano terreno, pode-se interagir com o plano divino, imaterial. Já pela influência europeia, a utilização do Abebé como um tipo de abano assemelha-se muito aos leques europeus.

Considerações Finais

Ao longo de toda história e ainda atualmente, o culto de religiões de matriz africana é marginalizado e os povos e comunidades de terreiro vítimas de intolerância religiosa. Já no início no século XX, muitos outros objetos tidos como sagrados foram retirados de dentro de terreiros de Umbanda e Candomblé pela Polícia Civil e levados para o antigo prédio do DOPS – atualmente Museu da Polícia. As apreensões eram validadas pelo Art. 157 do Código Penal de 1890 que reprimia “o espiritismo, a magia e seus sortilégios” (CARNEIRO, 2019). Posteriormente, esse acervo foi tombado pelo Iphan com o nome de “Magia Negra”. Desde 2017, uma campanha chamada “Liberte Nosso Sagrado” vem reivindicando tanto a saída desses objetos do Museu da Polícia quanto a mudança de nome da coleção. Recentemente, em agosto de 2020, foi assinado um acordo de transferências das peças para o Museu da República, importante vitória da luta contra o racismo e a intolerância religiosa após cem anos de confisco de objetos sagrados pela polícia.

O exemplo do Abebé mostra como o racismo e o etnocentrismo foram aspectos marcantes por trás do processo histórico que perseguiu e dominou os povos que produziam as peças expostas, até a chegada das mesmas ao Museu Nacional. Isso é evidente principalmente quando se trata das coleções “Angola depois da escravidão atlântica” e “Africanos no Brasil”, conforme apontamos anteriormente.

Após a realização desta pesquisa, portanto, foi possível concluir o quão importante é manter viva a história da coleção “Kumbukumbu – África”. Parafraseando a curadora Mariza Soares, como é importante o estudo da história africana para se entender as relações sociais em nosso país e gerar mudanças a respeito dos danos que 300 anos de escravidão da população negra deixou em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, C. "Peripécias de um colecionador: Ladislau Netto e a formação de uma coleção africana no Museu Nacional". In: 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017.

CARNEIRO, J. D. "A longa luta para tirar itens sagrados de Umbanda e Candomblé do Museu da Polícia, que os confiscou há mais de um século". In: BBC News, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49377670>. Acesso em 01 jul. 2020.

SOARES, M. C.; AGOSTINHO, M. B.; LIMA, R. C. Conhecendo a exposição Kumbukumbu do Museu Nacional. Séries Livro Digital 4, Rio de Janeiro, 2016.

Consultas virtuais:

MUSEU NACIONAL. Abebé. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/etnologia/kumbukumbu/etnafr0006.html2019>. Acesso em: 25 jul. 2019.